

O desamparo do sujeito na contemporaneidade: a insustentável leveza de ser

Autoras:

Rogéria Soares

Professora Auxiliar Convidada e Investigadora do CIE-UMa, Universidade da Madeira, Portugal

Liliana Rodrigues

Professora Associada com Agregação e Investigadora do CIE-UMa, Universidade da Madeira, Portugal

Resumo

A relevância deste trabalho, de revisão bibliográfica, em uma abordagem psicanalítica, concerne no sentido de que para melhor entendermos a construção do sujeito em nossa contemporaneidade, faz-se necessária uma análise dos novos laços sociais formados, ressaltando as características de sua formação, os determinantes socioculturais implícitos na construção destes laços e suas consequências, ajudando assim na compreensão de como o sujeito contemporâneo faz suas escolhas e de como é organizado, vivido e interiorizado o seu cotidiano

Palavras-chave: Identidade. Psicanálise. Laços Sociais.

DOI: 10.58203/Licuri.20341

Como citar este capítulo:

SOARES, Rogéria; RODRIGUES, Liliana. O desamparo do sujeito na contemporaneidade: a insustentável leveza de ser. In: OLIVEIRA, Hilderline Câmara (Org.). **Estudos em Ciências Humanas e da Saúde**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 1-12.

ISBN: 978-65-85562-03-4

INTRODUÇÃO

Em nossa contemporaneidade estamos globalizados, a internet é um mecanismo extremamente facilitador de contato e algumas questões são mais discutidas do que outras, como, por exemplo: as modificações nas condições de procriação, as mudanças nas formas de filiação e criação dos filhos, as novas práticas sexuais e mudança de atitude da mulher diante do social. Tais mudanças de valores, comportamentos e identidades, apesar de não serem novidade, têm se difundido pelo mundo ganhando atenção especial nos últimos tempos.

Segundo Lacan (apud FORBES, 1990), em sua primeira clínica, a do significante, o sujeito adotava uma relação ao Outro enquanto linguagem ou lei, em um mundo que respondia a orientações verticais bem definidas, com significações hierarquizadas e ideais bem marcados, onde o pai era relevante na ordem familiar, como os modelos hierárquicos predominantes da ordem industrial.

Em sua segunda clínica, a clínica do gozo, ou da identificação do sintoma, Lacan (apud FORBES, 1990), reconceitualiza este sujeito, trazendo o sujeito da comunicação, da era da globalização, que sofre um desvario do seu gozo. Um sujeito como sintoma, como um modo repetitivo e sintomático de desfrutar ou de obter gozo, que difere das gerações passadas, marcadas pelas identificações verticais de família e pátria.

Encontra-se na contemporaneidade uma geração de uma nova ordem, que não responde a um poder supremo, um novo mundo além da verticalidade das identificações das antigas gerações. Segundo Soares (2013, p. 42), uma geração de identificações horizontais, que carrega um sentimento de onipotência, desde que pode estar virtualmente em vários lugares, passando uma idéia de controlar o mundo, onde ser cidadão deste mundo está diretamente relacionado com sua opção profissional, uma opção de consumo, atrelada a conforto e a segurança.

Para Lacan (1985), a espécie humana caracteriza-se por um desenvolvimento singular das relações sociais. Tem-se, pois, um sujeito histórico, ideológico, cuja fala representa um tempo na história e um espaço social.

Encontra-se, nessa nova forma de trabalhar a singularidade, uma geração onde a velocidade das mudanças, que gera instabilidade às condições de sobrevivência, realiza de forma sintomática a prática dos ideais de consumo, levando a queixas e angústias não mais ligadas às dificuldades de se alcançar os objetivos, como nas gerações passadas, mas

ao emaranhado das possibilidades oferecidas, na angústia em decidir entre tantas opções. Uma geração que Forbes (2004) muito bem intitulou de “Homem Desbusolado”, sem saber o que fazer, nem escolher, hoje, entre os vários futuros que lhe são possíveis: sem norte e sem bússola.

Este estudo teve como objetivo refletir a construção do sujeito em nossa contemporaneidade, em um momento atual que acena para a possibilidade de um gozo ilimitado, infinito, onde o Outro, como ideal, se encontra enfraquecido diante de uma febre narcisista de ter um corpo perfeito, de ser eternamente jovem, que remete o sujeito contemporâneo diretamente ao gozo: ter poder, ter fama, ter dinheiro. Onde a cultura, assumindo um papel de supereu, obriga o sujeito a gozar em uma falta que os valores produzidos pelo mercado de consumo não cobrem, deixando o gozo sempre em falta, sendo sempre preciso transgredir um pouco mais, levando o ideal a ser menor que o mais-de-gozar.

De acordo com Forbes, um sujeito pode viver o desencontro de uma neurose: negar o que deseja; ou de uma psicose: encontrar uma realidade que ninguém comparte, mas também pode suprimir de forma radical, na drogadição, na obesidade, nos casos de depressão ou de violências, em que o sujeito age sem ter nada a dizer. Um curto-circuito da linguagem, sintomas de uma nova era em que as identidades se desestruturam e o sujeito fica desbussolado.

Sintomas que exercem um papel simbólico, segundo Soares (2005, p. 27), “como uma mensagem, escrita de um desejo inconsciente, passível de deslocamento, relacionada às condições em que e como aparecem”, que não deve ser apenas analisada quanto ao sentido, como na primeira clínica de Lacan, mas que deve ser decifrada como em sua segunda clínica, uma análise da conseqüência, para ser à base de enfrentamento da compreensão dos sintomas da nova ordem de um mundo globalizado. Como cita Forbes (1999), “Da mesma forma que para Vinícius a mulher tem que ter qualquer coisa além da beleza, para Lacan, a palavra tem que ter qualquer coisa além do sentido.”

Neste contexto, faz-se necessária a reflexão sobre a construção das identidades do sujeito da nossa contemporaneidade e uma análise das conseqüências dos sintomas dos mesmos, diferente dos demais identificados historicamente, os quais ressaltam um espaço plural, de diversas referências identificatórias e de constantes readaptações, diante dos novos laços sociais.

OS NOVOS LAÇOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS

As formas de estabelecer vínculos entre os seres humanos variam de uma época para outra e na mesma época, em diferentes locais. Sendo assim, a diversidade das formas de convivência humana não é privilégio de nossa época. No entanto, em nossa contemporaneidade, observa-se uma verdadeira revolução "no modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como formamos laços e ligações com outros." (Giddens, 2000, p. 61)

Uma revolução de mudança cujas origens estão ligadas a Revolução Industrial, processo acentuado após a Primeira Guerra Mundial e nos anos seguintes, conhecidos pelos historiadores como "anos loucos", através do movimento feminista que fortaleceu o debate sobre o lugar dos homens e das mulheres nas relações sociais.

Juntamente com o avanço tecnológico teve-se o avanço da medicina. O aparecimento da pílula anticoncepcional levou profundas transformações às relações homem/mulher.

Somado a tudo isto, encontrava-se separações, divórcios, aborto, liberdade sexual, mudanças que alteraram o cenário do mundo contemporâneo e levaram a formação de novos laços sociais, alterando as relações do sujeito com o social. Um corte com os costumes anteriores, uma nova amarração, que se torna oposição aos elos que estavam estabelecidos socialmente.

Neste cenário, convivemos com diversas formas de organização, sem necessariamente classifica-las como melhor ou pior que outras. O que se pode dizer de todas essas transformações é que, apesar de tanta diversidade, ainda é grande a dificuldade em aceitar as diferenças.

Uma reorganização do lugar do sujeito na contemporaneidade, diante de alta taxa de separação e de divórcio, de um novo padrão da atividade feminina frente ao acesso a educação e ganho de espaço em relação ao trabalho, de casamentos homossexuais, de relacionamentos interpessoais marcados por violência e dominação, de novas técnicas de controle da reprodução humana, de transformações econômicas e tecnológicas, ou seja, de práticas de construir e reconstruir identidades.

Surgem novos padrões familiares, diante das alterações culturais na sociedade capitalista contemporânea. Segundo Ceccarelli (2002), acompanha-se mudanças de uma família extensa (consangüínea), passando pela família nuclear (conjugal), chegando à família monoparental (um só genitor), como também disposições ao reconhecimento da

família unipessoal (uma só pessoa) e da família homoparental (casais do mesmo sexo).

Ceccarelli (2002) diz que todas estas mudanças e suas consequências particulares sugerem que a espécie humana atravessa, com intensidade variável no tempo e no espaço, aquilo que se pode chamar de “crise das referências simbólicas”. Ao mesmo tempo, o autor fala da não existência de um caminho que define o acesso à ordem simbólica e às relações entre sujeitos, próprias do humano. Ou seja, não há um modo único de subjetivação.

É bom saber, que com o tempo as aflições podem tomar novos rumos e outras relações poderão ser construídas. Madrasta e enteada podem tecer um afeto genuíno, ex-mulher e atual esposa podem “trabalhar” juntas para ajudar um filho, avós “postiços” podem dar a uma criança a sensação de aconchego e segurança, ou um padrasto pode oferecer proteção que não se vivenciava com o pai biológico. (BRUN, 1999, p. 37)

Segundo Ciccarelli e Brun (Ibidem), nas novas formas de subjetividade, encontra-se um esgotamento dos modelos da racionalidade construída no passado, uma contemporaneidade que demonstra um mundo aberto, infinito, mutante também em suas referências simbólicas, que vem através da história organizando diferentes formas entre a educação moral e a pedagogia da negociação, entre a divisão hierárquica de gênero e a divisão igualitária na conjugalidade, entre a lógica do grupo e a do sujeito. Um sujeito em constante movimento, com novos laços sociais, que se reelabora constantemente entre o peso e a leveza de ser.

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DE SER

Em nossa contemporaneidade, as atenções estão voltadas para o sujeito/objeto, para sua autonomia econômica, política e suas representações em relação a si mesmo, ou seja, as barreiras que o impede de ser si mesmo, que se revelam em sintomas, em um mal-estar cultural que leva a alienação e desigualdade. Um sujeito que suas particularidades desaparecem frente ao discurso do válido para todos, do desejo universal.

Encontra-se na condição de ser sujeito na contemporaneidade uma diferença do que era descrito nas gerações passadas, diante, por exemplo, de discursos religiosos e políticos. Uma mutação, como assinala Forbes (2003), desde que não caracteriza simplesmente um ser do contra, mas uma real transformação no que diz respeito ao ser em si e ser junto.

Transformações que são baseadas em novos valores, na experimentação de uma

nova condição, não mais ligada a normas e regras das gerações passadas, onde a antiga moral por si só não é suficiente para não acarretar danos.

Uma moral que não pode ser guiada por nada vivido anteriormente, desde que este “novo” nunca foi experienciado pelas gerações passadas, não podendo, desta forma, ser por elas orientado.

Kundera (1985) fala da inexperiência como uma qualidade da condição humana, onde não se pode começar uma nova vida com as experiências de vidas anteriores. Sai-se da infância sem saber-se o que vem a ser a juventude, casa-se sem saber-se o que é ser casado. Segundo o autor (Ibidem, p. 17), “não há forma nenhuma de se verificar qual das decisões é a melhor porque não há comparação possível. Tudo se vive imediatamente pela primeira vez sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado.”

Logo, quando se fala da condição de ser sujeito, não se pode transformar em soluções as posições que pertencem à outra ordem simbólica, das gerações passadas, detentoras de outros laços sociais não mais sustentáveis em nossa contemporaneidade, diante de um novo e de uma enorme variedade de escolhas que este novo traz.

Na realidade, um excesso de objeto. O objeto sempre perdido, para Freud, objeto a , que em Lacan se reveste de semblantes para responder às demandas do Outro e ao Outro. Que leva a um vazio diante do objeto desejado, porém nunca alcançado. O desejo, objeto causa de desejo, que aponta para a falta, levando à angústia.

Onde a mídia, de um mundo globalizado, permite o sujeito ascender a esse objeto imaginário e satisfazer a pulsão, uma tendência permanente e em geral inconsciente que incita as ações do sujeito, com a intenção única de gozar. Onde a interdição desse gozo é cada vez menos possível, diante da identificação imaginária ao consumo de um objeto mais-de- gozar.

Tem-se, então, um sujeito que ao longo da história construiu identificações para se submeter em produções de uma ordem de como comer, vestir, pensar e ser, mas que em nossa contemporaneidade esbarra-se a novos valores, nos quais não existe um Outro que permita a função simbólica, uma ordem, existindo sim um emaranhado de objeto a .

Uma posição que leva o sujeito mais a um abandono que a uma liberdade, desde que a liberdade dita seria na realidade liberação, onde se empurra o passado para longe, já que não sustenta os ideais contemporâneos, fixando-se em inúmeras atualidades, por sua vez restritas num aqui e agora.

Bauman (2000), quando nomeia “*liquid modernity*”, uma modernidade não sólida, a versão contemporânea da modernidade é, segundo o autor, a face da chegada do capitalismo leve e flutuante, sem âncoras que o enraizem a qualquer porto, cuja subjetividade vem produzindo sujeitos marcados por uma espécie de desenraizamento, como se constituir sozinho, em uma autonomia que conseqüentemente leva ao enfraquecimento dos laços sociais, diante de uma contemporaneidade que reduz o tempo ao agora.

Para Bauman (Ibidem), num mundo fluído, tudo que é de uso instantâneo e que não necessita de esforço é bem visto, e o que é sólido, durável, é detestável, desde que leva a idéia de opressão e de dependência.

Nessa mesma perspectiva, Kundera (1985) traz em seu romance reflexões sobre problemas do relacionamento humano, descrevendo o centro da tragédia do personagem do mundo contemporâneo, falando de leveza, liberdade, incerteza, apagamento do passado, não projeção do futuro e descontinuidade de identidades, que são alguns dos aspectos citados por Bauman quando fala da “*liquid modernity*”. Um mundo líquido, como os líquidos, que se caracterizam por uma incapacidade de manter a forma. O autor fala que nossas instituições, nossas referências, estilos de vida, crenças e convicções, mudam antes que tenham tempo de se solidificarem em costumes, hábitos e verdades.

Um mundo líquido, onde as imagens são influenciadas pela cultura consumista na apresentação de um produto pronto, “fácil” de ser consumido, um produto para uso imediato, sem peso, para um prazer e uma satisfação instantânea, onde o desejo do sujeito, quanto escolha de um lugar para questionar sua existência, se perde diante de um turbilhão de idéias massificadas, de validade universal.

Um peso que para o sujeito, segundo Kundera (Ibidem), está em toda forma de opressão, refletindo que na vida, tudo aquilo que se escolhe e se aprecia pela leveza acaba, bem cedo, se revelando de um peso insustentável.

O mesmo peso descrito por Bauman (2000), ao retratar que os conceitos e interesses exibem uma superfície plana, que cobre extensivamente todo o planeta, em um discurso de um mundo globalizado, que ao mesmo tempo em que afaga, onde se crer que a satisfação está ao alcance de todos, afoga, quando o possuir o objeto não equivale à satisfação do desejo, levando o sujeito à atitude de buscar um objeto, outro e mais outro.

O peso insustentável, quando o discurso do igual para todos se caracteriza em uma obrigação, quer se goste ou não, por ser único. O qual traz nas entrelinhas a angústia, ou

seja, a falta.

Kundera (1985), no personagem de Sabina, descreve bem esse peso insustentável. O que precisamente aconteceu à Sabina?... Nada. Deixara um homem porque quis deixá-lo. Ele a perseguiria depois disso?... Não. O drama de Sabina não era opressão e dependência, não era o peso, mas a leveza, o vazio em torno de si, a angústia, a falta do que por formar laços, representa um determinado peso, revelando, segundo o autor, a insustentável leveza do ser.

O que é leve, sem obrigações, não interdito, ilimitado, se transforma em um fardo insuportável, insustentável. Seria este o vazio sentido por Sabina?

Não se sustenta o vazio que a leveza nos traz diante da falta daquele que sabe aonde eu não sei, que não fala, até mesmo porque é um lugar, mas não pode faltar.

E quando falta leva a vertigem, segundo Kundera (Ibidem, p. 65), “(...) não é o medo de cair, mas sim a voz do vazio, que nos envolve.” É o desejo da queda, que logo nos defendemos aterrorizados.

Numa contemporaneidade em que os sujeitos são condicionados a escolhas em meio a acontecimentos rápidos, diante de tantos modelos, quando o novo acontece, solto, leve, incerto e, por assim ser, não sólido para a projeção de um futuro, a existência parece perder a sua substância, o seu peso. Por isso, diz Kundera (1985), sentimos “a intolerável leveza do ser.”

Segundo Castel (1995), a consequência mais evidente do mundo contemporâneo é a produção social em massa de sujeitos deprimidos, viciados, por uma espécie de efeito de um estado de miséria não só econômica, mas também psíquica. Submetidos a um processo de fragilização social e de perda de qualquer referência, inserção ou inscrição social.

O sujeito de uma contemporaneidade configurada pelo consumo desenfreado, pelo sentimento de vazio diante de inúmeras escolhas, de inúmeros objetos, um sujeito que circula no desamparo.

O DESAMPARO DO SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE

Lacan (1985) afirma que o ser humano nasce em um estado de impotência e que desde cedo a linguagem serve-lhe de apelo, pois de seus gritos depende a sua própria

alimentação. Quando o grito é ouvido, o sujeito se sente amparado.

Em nossa contemporaneidade, esse grito em direção ao Outro não tem sido escutado, deixando o sujeito no desamparo.

O estabelecimento da lei se instituiu como modo de amparo simbólico ao sujeito, pois, ao mesmo tempo em que priva e limita, protege e ampara. Para Freud (1976), a relação lei e amparo são essenciais à vida em comunidade.

Para Bauman (1997), o mal-estar na contemporaneidade se configura a partir do excesso de insegurança, de desproteção e escassez de lei. Onde há uma distinção entre o desamparo primário e o secundário, sendo o primeiro inerente à condição humana e o segundo reforçado pela instabilidade, insegurança e desproteção.

É evidente o declínio do patriarcado, mas se o pai no sentido social do termo já não é mais tão forte, se ele já não é mais a figura central de lei e autoridade, outras referenciais simbólicas podem inscrever-se para dar conta dessa falta. Por ser o Nome-do-pai uma metáfora, outras metáforas podem ocupar o lugar simbólico da referência, da interdição. Surgindo, pois, várias direções à medida que outros representantes se elegem como substitutos do pai, os Nomes-do-pa¹.

Em um mundo globalizado de massificação de ideais, o sujeito, diante de tantos santos, deve definir a qual delegar sua fé para se sentir amparado.

este cenário, em que ou em quem o sujeito se espelha? Se a função de representar a lei enfraquece, logo, a lei também fica fragilizada. E o que leva a esta fragilização é um turbilhão de referências que, por serem de uma enorme velocidade, falta tempo para as tornar sustentáveis.

Segundo Ceccarelli (2002), vivemos numa contemporaneidade que prega produção em massa, sucesso dos ideais capitalistas e cultura globalizante, ou seja, um discurso uniformizante que não impõe limite, trazendo junto à liberação excessiva do discurso do gozar a qualquer preço, onde não é preciso renunciar a nada porque se pode tudo. De acordo com o autor, um individualismo muito cultuado na cultura do narcisismo, que dita ao sujeito uma exigência da busca do prazer unicamente pessoal e a qualquer custo.

Uma contemporaneidade de formação de sujeitos que não renunciam ao gozo e,

¹ Os Nomes-do-pai: Questionado a partir do seminário sobre Joyce, que demonstra que o pai não tem um nome próprio, mas sim, muitos nomes como suportes para sua função de enodamento dos três registros: o simbólico, o imaginário e o real.

sendo assim, não se sentem submetidos à lei. Uma formação de sujeito independente, porém só, no desamparo estrutural desta contemporaneidade, a qual carrega o discurso da busca do prazer individual, levando o sujeito à ausência de fardos no que diz respeito à formação de laços, estes muito mais encontrados em um processo grupal não individualista, o que leva à falta, à angústia e, conseqüentemente, ao desamparo.

A falta de um Outro que se sustente diante de tanta insustentabilidade coloca o sujeito num lugar de desamparo, onde é necessário a reconstrução do interdito, na apresentação e inscrição de outras referências simbólicas que fujam ao tradicional autoritário, confirmando o que diz Ceccarelli (2002), quando fala da não existência de uma única direção que limite o acesso à ordem simbólica.

Um desamparo que está ligado à formação de uma “fábrica” de gozo, onde não se consegue pôr uma barreira que leve o sujeito, elemento primário da constituição social, a renunciar a este gozo. Desde que para que aconteça tal renúncia é preciso ter uma segurança sustentável, a qual nossa contemporaneidade não está fornecendo, levando o sujeito a uma insustentável leveza de ser.

Ser não barrado, ser não interditado, ser não renunciado ao seu gozo, ser leve no sentido de ser livre de laços, sustentando o peso de ser não perturbado, como bem pontua Varela (1985, p. 364), posfácio do livro de Kundera (1985), na dualidade entre si e o mundo, entre o simples e o complexo, entre o mesmo e o diverso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário de 1930, no mal-estar da civilização citado por Freud, onde o mal-estar estava ligado ao excesso de controle, o mundo contemporâneo apresenta um mal-estar ligado ao excesso de liberação, a um consumismo sem freio, que deixa o sujeito em uma encruzilhada moral, que leva a uma fragilidade da lei e, conseqüentemente, o transforma em uma máquina de desejar que não cessa.

Os sujeitos de cada época são marcados por alterações nas relações que estruturam a vida, com base na função de socialização que sofre mudanças significativas decorrentes das alterações em relação às atribuições e aos papéis desempenhados.

Em linhas gerais, o atual quadro dos novos sujeitos vem se delineando frente a uma série de transformações, dentre as quais salienta-se a globalização, as diversas formas de filiação, os novos laços sociais, a fragilidade da lei e o desamparo, gerando uma “crise”

de referências.

“Crise” esta que ao demonstrar uma reestruturação social confirma a força do simbólico, da metáfora quanto função, a qual pode ser desempenhada sem a posição nostálgica de um modelo único, mas sim plural.

Os conservadores falam de um caos diante da decadência dos valores tradicionais da família, da escola, da pátria, da paternidade, da lei, do pai, ou seja, da autoridade. Onde, sem “ordem”, dizem ser o sujeito corrompido. Daí a posição nostálgica, o temor do fim da ordem paterna, da lei simbólica.

Porém, não se pode esquecer que foram nos antigos padrões, em meio a tanta “ordem”, que o mundo assistiu a tanta desordem. O desarranjo das novas estruturas não é algo nunca visto, o estranho as vezes é muito familiar.

Logo, não é o modelo de sociedade na qual o sujeito se encontra inserido que garante sua inserção na ordem simbólica, mas como, na posição do Outro, um determinado arranjo social pode propiciar que o sujeito, na construção do seu lugar, diante de uma lei forte o suficiente para se sustentar, seja convocado à interdição, a um equilíbrio entre o singular e o plural, construindo assim sua identidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRUN, G. *Pais, filhos & cia.* ilimitada. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

CASTEL, R. *Les Métamorphoses de la Question Sociale: une chronique du salariat*. Paris: Fayard, 1995.

CECCARELLI, P. R. *Configurações Edípicas da Contemporaneidade: reflexões sobre as novas forma de filiação*. Pulsional Revista de Psicanálise, São Paulo: ano XV, nº 161, p. 88-98, set. 2002.

FORBES, J. *A Psicanálise do Homem Desbussolado: as reações ao futuro e o seu tratamento*. Projeto Análise por Jorge Forbes, São Paulo: 2004. Disponível em: <<http://www.jorgeforbes.com.br/br/index.asp>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

FORBES, J. *Da Palavra ao Gesto do Analista*. Projeto Análise por Jorge Forbes, São Paulo:

1999. Disponível em: <<http://www.jorgeforbes.com.br/br/index.asp>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

FORBES, J. *Emprestando Conseqüência: quando Freud não explica*. Projeto Análise por Jorge Forbes. São Paulo: 1990. Disponível em: <<http://www.jorgeforbes.com.br/br/index.asp>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

FORBES, J. *Você Quer o Que Deseja?* Rio de Janeiro: Editora Best Deller, 2003.

FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização* (1930). Lisboa: Relógio D'Água, 2008.

FREUD, S. *O Sentido dos Sintomas*, In: *Obras Psicológicas Completas*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LACAN, J. *Os Complexos Familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

KUNDERA, M. *A Insustentável Leveza do Ser*. Rio de Janeiro: Editora Novas Fronteiras, 1985.

SOARES, Rogéria P. F. *Sintoma: uma mensagem endereçada ao Outro*. *Medicina e Odonto Hoje*, Recife: ano VII, nº 12, p. 27, 2005.

SOARES, R. P. F. *O Cinema como uma Linguagem Mediadora da Aprendizagem de Língua Estrangeira: uma investigação da prática pedagógica e sua dinâmica*. [Dissertação de Mestrado]. Funchal: Universidade da Madeira - UMa, 2013.